TL 1879

CNRM-FALINTIL

Mensagem de 12 de Novembro

São passados 3 anos desde que o mundo conseguiu enfim aperceber-se do verdadeiro carácter da resistência do nosso Povo, sua dimensão e formas de luta e, por outro lado, verificar a verdadeira natureza da presença militar indonésia em Timor-Leste.

12 de Novembro reflectiu a tenacidade de luta pela liberdade e pela justiça. 12 de Novembro foi o toque de clarim da Juventude Timorense para anunciar ao mundo a revolta pela negação dos direitos fundamentais do Povo de Timor-Leste e o de se pronunciar sobre o seu destino, 12 de Novembro foi o toque de clarim para gritar ao mundo o repúdio à cumplicidade dos países ocidentais na sistemática violação dos Direitos Humanos no território. 12 de Novembro serviu também para marcar o desejo do Povo Maubere por uma solução negociada e o apelo à Comunidade Internacional para se lembrar de suas responsabilidades que deveriam ser iguais para qualquer parte do mundo. 12 de Novembro tinha por objectivo vincar a disposição dos timorenses ao diálogo franco, sério e construtivo que respeite os interesses de todas as partes envolvidas no conflito, assim como exigir à ONU, Portugal e Indonésia para considerarem sempre o problema no âmbito da jurisdição internacional que contempla o território.

Por o 12 de Novembro ter assumido isto tudo, como o espírito mesmo da Resistência Maubere, as portas do Cemitério de Sta. Cruz testemunharam o terror da repressão colonialista, o carácter desumano da ocupação militar indonésia e permitiu, assim, abrir-se para o mundo a pontinha do véu negro que ocultava 16 anos de uma dramática realidade.

E o mundo sacudiu finalmente a sua incredulidade, que se remetera propositadamente em benefício das boas relações para com a Indonésia. 12 de Novembro, no fim das contas, teve apenas o condão de criar certo pesadelo na consciência de políticos e governantes do ocidente que, após uns moderados e momentâneos protestos, deixaram tudo passar à história, como aconteceu com o Massacre de Tien-An-Men Square.

Hoje, passados 3 anos, fica apenas a lembrança de um dia sangrento. Ao Povo Maubere ficou apenas a consolação de juntar mais aquele aos inumeráveis massacres colectivos que, nestes penosos anos de resistência, honraram a sua Pátria e justificaram a sua Luta. A Juventude Maubere recorda-o não como um dia fatídico mas como um simbolo da sua dedicação à Luta, do seu heroismo e da sua vontade de vencer. Enquanto isto, o mundo acomodou-se nas falaciosas declarações de Jakarta.

Hoje, 3 anos passados, reparamos que o processo da Resistência Timorense à violação e ocupação militar da sua Pátria, vem conhecendo um desenvolvimento que é útil examinar-mos aqui.

Em 12 de Novembro de 1991, a Juventude de Timor-Leste apenas desejava apelar:

- à ONU, a assunção das suas responsabilidades perante o estatuto jurídico e político do Território e em consonância com as resoluções mandatórias do Conselho de Segurança e as da Assembleia Geral.

- a Portugal, para não dizer as responsabilidades históricas, morais, jurídicas, políticas e culturais que a sua própria Constituição demanda.

- à Indonésia, a tomada de consciência para a gravidade da questão, a necessidade do diálogo e a necessidade de respeitar a essência do problema.

- à Comunidade Internacional, uma revisão de atitudes e um assumir de boa-vontade política para influenciar Jakarta para uma solução verdadeiramente justa, aceitável e duradoura.

No âmbito dos bons-ofícios do Secretário-Geral, Dr Boutros Boutros Ghali, e em cumprimento dos acordos de Genebra no tocante ao 'Confidence Building Measures', o passado mês de Outubro foi assinalado pelos encontros entre Durão Barroso e a miserável facção pró-integração e entre Ali Alatas com os Representantes da Resistência Timorense.

Entretanto, muito recentemente, foi dito que o Presidente Soeharto declarou estar disposto a encontrar-se com personalidades anti-integração.

Não sabemos ainda até onde o Presidente indonésio quer abranger com o termo 'personalidades anti-integração'. Salvador Kimenes, membro do KPR indonésio, tornou claro que o conceito Resistência engloba 4 facções importantes, a Igreja de Timor-leste, a UDT, a Fretilin e o CNRM, sem as quais nenhuma solução será achada. O Bispo D. Ximenes Belo foi mais longe quando definiu Abílio Araújo como comerciante.

Não há dúvidas que, quando A.Araújo vai com o Chico Lopes para o seu encontro com o Ali Alatas, em Nova Iorque, a expensas de Jakarta, quando é esperado no aeroporto por funcionários indonésios que o levam no limousine da missão indonésia para o hotel mais caro e luxuoso de Nova Iorque, quando a mesma missão indonésia prescreve para A.Araújo passeio de barco à ilha de Manhatan, quando ainda é a missão indonésia que prepara o encontro entre A.Araújo e os funcionários da ONU, não há dúvidas de que A.Araújo se identificou a si próprio de vendedor da banha de cobra indonésia.

Segundo a explanação do Chico Lopes, personalidades ditas anti-integração seriam A.Araújo e seus comparsas. Contudo, todos sabemos que Chico Lopes é apenas um boneco-de-palha e, repito, não sabemos se a disposição do Presidente Soeharto é apenas uma retórica ocasional com o objectivo de atenuar as críticas sobre a violação dos Direitos Humanos na Indonésia e mòrmente em Timor-leste ou se é sinal de uma séria boa-vontade política para a busca da solução mais justa para o caso. Queremos lembrar que o próprio Presidente indonésio, há meio ano atrás, declarou querer resolver o problema de Timor-leste pois não desejava que viesse a ser uma bomba-relógio para o seu sucessor.

Era nosso desejo, ao fazermos esta mensagem, abordar o facto de que, passados 3 anos, todas as resoluções, intenções e apelos para que se procedesse a uma investigação séria e independente sobre o massacre de Sta Cruz, que se punissem os verdadeiros responsáveis e que se entregassem os cadáveres das vítimas às suas famílias, tudo, tudo isto ficou reposado no papel, como é costume. Como é costume, em casos considerados de somenos importância, porque envolvem atritos nas relações com a Indonésia. A Co-

munidade Internacional preferiu deixar cair no esquecimento as exigências por uma séria e profunda explanação dos factos.

Mas, como disse, novos factos se juntaram ao processo. Se é manifestação de boa-vontade política do Presidente Suharto, nós saudaríamos este gesto corajoso, embora acreditando firmemente que decorrerão ainda mais anos de sofrimento para o nosso Povo antes que esta aparente intenção de boa-vontade se torne em facto provado.

Desde que seja real a intenção de se encontrar com os verdadeiros representantes da Resistência Timorense, um outro gesto político que gostaríamos de ver partir do Presidente Soeharto, seria a libertação incondicional dos presos políticos timorenses, entre os quais estão precisamente testemunhas e participantes da demonstração pacífica de 12 de Novembro de 1991. Porque o que eles estavam exigindo era apenas o que está acontecendo: o diálogo sem pré-condições, sob os auspícios do Secretário-Geral da ONU e envolvendo todas as partes interessadas.

Este foi o 'crime' deles: expressar o seu desejo de ver terminada uma situação insustentável de violação dos Direitos Humanos em Timor-Leste. Por aquilo tudo que está a acontecer agora ao ponto de o Presidente Soeharto se dispôr a falar com 'personalidades anti-integração', eles foram presos, torturados e condenados à prisão e mais de uma centena enterrados em valas comuns, só conhecidas pelos responsáveis do massacre.

Comoveu-nos, como um acto de busca da verdade, como um esforço para punir o culpado, a acção judicial movida contra o Panjaitan, pela mãe de Kamal, o jovem neo-zelandês tombado pelas balas assassinas das forças de ocupação indonésia. Lembramo-nos, por acaso, da exigência feita à Líbia para a entrega dos implicados na explosão de um avião na Escócia e da caça aos criminosos de guerra nazis.

Fazemos lembrar agora ao mundo da necessidade de fazer ver à Indonésia que o caso do massacre de Sta Cruz leva muitas implicações que devem ser consideradas nas mudanças de atitude de Jakarta.

Warrow, depois Theo Srafey, depois John Lumintang, ago
um outro. Prabowo, depois Gatot, agora Simbolon. Os act
da criminosa presença militar indonésia em Timor-leste vêm
substituindo desde Dezembro de 1975, uns mais assassinos
outros, mas todos igualmente assassinos.

Sòmente Timor-leste permanece no mesmo lugar, subm
gido na sua fatalidade geográfico, condição primária que
o vem afundando na complexidade das relações económicas
que o tornaram no assunto incómodo para à hipocrisia oci-
dental, tão bem demonstrada pelo filme 'Death of a Nation'.

E o Povo Maubere, também, permanecendo ele mesmo, vê
aumentando as gotas de sangue vertidas pela libertação da
sua Pátria. E o drama continua!

E continuará enquanto o Presidente Suharto não revel
sinais mais positivos em direcção a uma busca da solução
global, justa, duradoura e verdadeiramente aceitável pela
Comunidade Internacional.

A LUTA CONTINUA, EM TODAS AS FRENTES!
PÁTRIA OU MORTE!
RESISTIR É VENCER!

FALI O CNRM,

KAY RALA XANANA GUSMÃO
COMANDANTE FALINTIL

Prisão de Cipinang, 7 de Novembro de 1994.